

# O Dia dos Insurgentes | Pedro Tierra

04/05/2017

---



Foto: Ricardo Stuckert

Por Pedro Tierra

*“...a um gesto seu, laborioso, o silêncio baixa sobre as cidades. E tudo o que antes se movia, estanca. Quando assim deseja sua mão poderosa...”*

O sol se levanta sobre cidades vazias.  
Hoje, a imagem virtual se faz gesto.  
Concreto, corporal, denso:  
na praça, na estação cerrada,  
na moenda que não gira  
para esgotar o suor do corpo.

Não há voos. Só o dos pássaros.  
Sem as mãos do petroleiro,  
o óleo não brota do mar.  
Da linha de montagem, em silêncio,  
hoje não sairá uma unidade.

A composição não rola  
sobre os trilhos  
para conduzir os submissos  
ao posto onde consomem  
um dia dentro de outro dia,  
a vida gris que lhes coube.

Os dedos incontáveis da multidão  
de carne, ossos e sonhos prendem  
o espesso tecido de nossas esperanças  
que agora se estende sobre a cartografia  
do país: bandeira desatada  
à maneira das chuvas de março.

Sobe desde a raiz da indignação  
a seiva bruta que alimenta  
o primitivo sentido de justiça

e nos faz a todos insurgentes

contra a ordem da delação, da vilania,  
do engano, da traição, da hipocrisia.  
Contra a lógica de choque dos assaltantes  
que nos saqueiam a casa antes que amanheça.

Sementes de fogo iluminam avenidas desertas.  
Contribuem talvez para dissipar a noite  
e suspender a manhã que anunciamos.  
Não vamos, em nome da paz,  
– porque não haverá paz para os saqueadores –  
domar a vontade de fazer em pedaços  
a república que funda seus alicerces  
sobre o pântano das delações.

Que se liberte o fogo,  
onde o fogo for necessário  
para que ouçam a voz  
dos que sacodem,  
ainda inocentes de sua força,  
as estruturas dessa edificação,  
em véspera de ruína.

Se o ódio é a lavoura do mal  
cultivada no veneno das noites  
e da amargura,  
a ira é a explosão do espírito  
frente à injustiça.  
Já não há rebanhos de cordeiros  
marchando dóceis rumo ao matadouro.

Recusamos o destino  
que o olho único do ciclope nos oferece.  
Com as mesmas mãos que hoje paralisam o país  
saberemos tecer com fios de espanto  
outros destinos possíveis.

Não seremos devolvidos à senzala.  
Já inventamos quilombos.  
Não seremos devolvidos à senzala.  
Já subimos às favelas.  
Já recusamos o cativoiro.

Mal aprendemos o sabor da liberdade  
e nos damos conta de que é preciso  
vazar, sem piedade,  
o olho onipresente do ciclope  
que nos hipnotiza, nos cega,  
nos reduz, nos escraviza.

Chega o tempo de acelerar  
o impulso das horas  
e dizer ao país que somos

as mãos que movem as cidades,  
e plantam o grão que nos alimenta.

Hoje, a palavra se fez gesto.  
E o gesto se fez classe.

*Brasília, 1º de Maio de 2017.*

Compartilhe nas redes: